



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Antropologia

Estrada de São Lázaro, 197 – Federação, CEP: 40.210-730 – Salvador/BA

Tel. (71) 3283.6440 / E-mail: ppga@ufba.br



Nome e Código do Componente Curricular PPGA03 – Teoria Antropológica Clássica		Departamento Antropologia	
Modalidade Disciplina	Função ---	Natureza ---	Créditos 04
Professor Responsável Mauricio Caviedes			
Ementa Introdução aos desenvolvimentos metodológicos e teóricos da disciplina antropológica no período chamado pela disciplina de clássico: de meados do século XIX até meados do século XX. Embora a antropologia experimente mudanças teóricas e metodológicas, a disciplina busca salientar contribuições (problemas sociais, termos teóricos, instrumentos de análise) das teorias clássicas que permanecem na antropologia de hoje.			
Apresentação O objetivo geral da disciplina é identificar os problemas que deram origem ao surgimento da antropologia enquanto disciplina acadêmica. Espera-se que as teorias e métodos que, até hoje, constituem o arcabouço disciplinar da antropologia, sejam compreendidos como tentativas de respostas, sempre aproximadas, para esses problemas. Isso significa reconhecer o caráter político, histórico e social da antropologia, mas, também, explorar a vigência e o alcance que essas questões fundamentais têm no presente e podem ter no futuro.			
Dinâmica das aulas A disciplina dispõe vagas para estudantes de mestrado e doutorado. A disciplina será ministrada de forma presencial e por meio de atividades virtuais de aprendizagem. As atividades presenciais serão realizadas na UFBA, no campus de São Lázaro, no horário estabelecido pelo PPGA-UFBA. As atividades virtuais serão realizadas por meio de ????? . Cada semana, a aula é composta das seguintes atividades: 1. Leitura dos textos indicados para cada sessão. 2. Acesso a elementos multimídia indicados para cada sessão. 3. Exercícios de escrita.			
O registro da frequência na disciplina será realizado com base na participação e realização das atividades assíncronas previstas no programa. A ausência em 25% do curso ou deixar de comparecer por 21 dias consecutivos implica em desligamento da disciplina.			
Avaliação A avaliação da disciplina será feita por meio da participação nas atividades semanais, conforme cronograma da disciplina e a partir dos seguintes critérios: 1. Participação nos exercícios de escrita de cada sessão. 2. Capacidade para contextualizar e estabelecer relações entre a bibliografia e os conteúdos			

providos pelo material audiovisual que faz parte integral dos conteúdos da mesma.

Cronograma e bibliografia

Semana 1. O Cânone antropológico: Por quê estudar a antropologia clássica hoje?

Quais são as críticas de hoje às teorias clássicas? Quais são os debates que as teorias clássicas acordaram na antropologia contemporânea?

GEERTZ, Clifford. 1988. *I Witnessing. Malinowski's children (Cap 4)*. Em. Works and Lives. The anthropologist as author. Pgs. 73-101. Stanford. Stanford University Press.
(Existe Tradução ao Português: GEERTZ, Clifford. 2018. *Obras e vidas. O antropólogo como autor*. Cap. 4. Rio de Janeiro. UFRJ).

MARCUS, George e FISCHER, Michael. 1988. *A crisis of representation in the human sciences. (Cap 1)*. Em Anthropology as Cultural Critique. Pgs. Pgs 7-17. Chicago. Chicago University Press.

PACHECO DE OLIVEIRA, J. (2013). Etnografia enquanto compartilhamento e comunicação: desafios atuais às representações coloniais da antropologia. In: FELDMAN-BIANCO, B. Desafios da antropologia Brasileira. Brasília. ABA. pp. 47-75.

Semana 2: Evolucionismo e lutas políticas no século XIX e primeira metade do século XX.
Debates sobre racismo e a origem da antropologia clássica.

MORGAN L.H. Capítulo I do texto: A sociedade Antiga. Em: CASTRO, Celso (org.) Evolucionismo cultural. Textos de Morgan, Tylor e Frazer. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. Pp.

DUBOIS, W.E.B. [1903] 2007. The souls of Black Folk. Caps IV, V e VI. Pgs. 45-76. New York. Oxford University Press. (Existe tradução ao português: DUBOIS, W.E.B. As Almas do povo negro. São Paulo? Editora Veneta).

Material audiovisual:

Café Filosófico. Raça e racismo no Brasil.

Carlos Medeiros.

<https://www.youtube.com/watch?v=RFYQ6axQSho>

Material audiovisual:

One real American. The true history of Ely S. Parker.

Bruchac, Joe.

https://www.youtube.com/watch?v=sP7_M1pHWbc

Semana 3. Os termos cultura e sociedade no debate colonial.

Por quê estudar a cultura? É útil a antropologia? Se for, para quem?

FREUD, S. (2016). [1913]. Cap I, II em Totem e Tabú. Pags. 26-79. São Paulo. Companhia das letras.

FRAZER, James George 1982. [1911]. O tabu e os perigos da alma. Pgs. 189-208. O Ramo de Ouro. Rio De Janeiro. Zahar Editores.

ECO, Umberto. 2021. 1980. O nome da Rosa. Rio de Janeiro. BestBolso.

Material Audiovisual:

O século do eu. 2002.

Adam Curtis

BBC.

<https://vimeo.com/39004295>

Semana 4.

O colonialismo e a sua relação com a antropologia. A luta contra o colonialismo e a sua relação com a antropologia.

MALINOWSKI, Bronislaw. (1941). An anthropological analysis of war. *American Journal of Sociology*, Vol. 46, No. 4 (Jan., 1941), pp. 521-550.

CHAGNON, N. 2014. Choque Cultural. In: Nobres selvagens. minha vida entre duas tribos perigosas: os ianomâmis e os antropólogos. São Paulo. Editorial Três Estrelas. ISBN 978-85-68493-03-8. pp. 590.

KENYATTA, Jomo. (1965). The Gikuyu System of Land Tenure. Em Facing Mount Kenya. The tribal life of the Gikuyu. Pgs 21-52. New York. Random House.

Semana 4. Cultura e desenvolvimento.

O debate entre a cultura e o desenvolvimento. A cultura como direito e o desenvolvimento como direito.

Tierney, P. 2000. Introduction. Em: Darkness in El Dorado: How scientists and journalists devastated the Amazon. New York-London. W.W. Norton and Company. pp. Xxi-3. (Existe edição em português: “Trevas no El Dorado”, 2002, Editora: Ediouro).

BOAS, F. (2010 [1936]) pp. Raça e progresso. In: Antropologia Cultural. Seleção e Tradução de Celso Castro. Rio de Janeiro. Zahar. pp. 60-79. ISBN 978-85-378-0288-5.

LIPSTADT, D. 2017. Negação. São Paulo. Universo dos livros. 432 p.

Semana 5. Cultura, personalidade, colonialismo e o papel político da antropologia.

Os problemas da escola de teoria e personalidade na frente dos movimentos sociais de hoje.

STOCKING, G. W. Jr. (1982) [1968]. Franz Boas and the culture concept in historical perspective. pp. 195-234. In: Race, culture and evolution. Essays in the history of anthropology. Chicago and London. The University of Chicago Press. ISBN: 0-226-77494-5. pp. 379.

BATESON, G. 2006 [1958] Capítulo 3: Conceito de estrutura e função e Capítulo 8: Problemas e métodos

de abordagem. In Naven : um esboço dos problemas sugeridos por um retrato compósito, realizado a partir de três perspectivas, da cultura de uma tribo da Nova Guiné. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo.

Semana 6. Etnografia: verdade ou interpretação?

Mead e o debate sobre o gênero. Interpretação vs. Observação.

MEAD, M. (1961) [1947?]. Introduccíon y Conclusiones In: Sexo y Temperamento. Buenos Aires, Editoria Paidós. Pp. 125.

HOLMES, Lowell. 1987. The Mead Freeman Controversy and beyond. The Quest for the real Samoa. Caps 9, 10 e 11. Pgs 103-177. South Hadley. Bergin and Garvey.

MINER, Horace. (1956). Body ritual amog the nacirema. American Anthropologist, New Series, Vol. 58, No. 3. (Jun., 1956), pp. 503-507. Disponível em: <http://links.jstor.org/sici?sici=0002-7294%28195606%292%3A58%3A3%3C503%3ABRATN%3E2.0.CO%3B2-Y>

Material Audiovisual:

Filme:

Krippendorf's Tribe. 1998.

Dir: Todd Holland.

Escritores: Frank Parkin e Charlie Peters.

Atores: Richard Dreyfuss, Jenna Elfman, Natasha Lyonne.

Semana 7.

Funcionalismo, estrutural-funcionalismo e estruturalismo. Quais são as diferenças?

RADCLIFFE-BROWN A.R. (1969). "The study of Kinship systems". En *Structure and function in primitive society*. London. Cohen & West. (Versión en español disponible: estructura y función de la sociedad primitiva).

MALINOWSKI, Bronislaw. 1970. Capítulos I, II e III. Pgs. 13-41. Em Uma teoria científica da cultura.

LEVI-STRAUSS, C. (2003). Papai Noel supliciado. In. Revista ALCEU. .4 - n.7 - p. 5 a 18 - jul./dez. 2003. Online: <http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/alceu-n7-Levi-Strauss.pdf> .

Semana 8. Materialismo.

Materialismo histórico e Materialismo cultural. Quais são as diferenças?

ENGELS, F. 1978. A origem da família, a propriedade privada e o Estado. Rio de Janeiro.

Editora Civilização Brasileira.

WOLF, Eric. (1982). "Introduction" y "Capitalism" En Europe and the people without history. Berkeley: University of California Press.

FRAGA, Walter. 2016. SLAVES AND MASTERS ON SUGAR PLANTATIONS IN THE LAST DECADES OF SLAVERY. Em Slavery and post-emancipation in Bahia Brazil. 1870-

1910. Pags. 9-29. Durham and London. Duke University Press.

Semana 9. Materialismo e materialismo dialético.

Economia e intercambio vs. Economia enquanto mercado.

MALINOWSKI, Bronislaw. Introdução e Capítulo III. In: Argonautas do Pacífico Ocidental. São Paulo, Editora Abril. 1978.

A Dominação Britânica na Índia.

Karl Marx.

Junho 1853.

Escrito: 10 de Junho de 1853. Primeira Edição: Artigo publicado no New York Daily Tribune de 25 de Junho de 1853.

Fonte: The Marxists Internet Archive.

Tradução: Jason Borba.

Disponível: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1853/06/10.htm>

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva.

Semana 10.

Ritual, arte, interpretação e observação: A etnografia como método.

FONSECA, C. (2004). Antropólogos para que? O campo da atuação profissional na virada do milênio. pp. 69-93. In: O campo da antropologia no Brasil. Lins Ribeiro, Gustavo; Trajano Filho Wilson. 272, p. 85-86011-81-9. Brasília. ABA.

KABERRY, P. (1974) [1957]. La contribución de Malinowski a los métodos de trabajo de campo y la literatura etnográfica. pp. 85-111. México. Siglo XXI. ISBN: 84-323-0150-7. pp. 344.

TURNER, Victor. 1974. O processo ritual. Estrutura e anti-estrutura. Petrópolis. Vozes.

Semana 11. Mudança histórica vs. Teoria antropológica clássica.

Por quê a antropologia clássica foi acusada de rejeitar as mudanças históricas?

MALINOWSKI, Bronislaw. Capítulo II, IV e V. In: Argonautas do Pacífico Ocidental. São Paulo, Editora Abril. 1978.

Semana 12. Mudança histórica vs. Teoria antropológica clássica.

Cultura e história no estruturalismo.

LEVI-STRAUSS, C. (2008) [1962]. Caps 8 e 9. O pensamento selvagem. Campinas. Papirus.

Iegelski, F. 2016. Cap II e V. Em Astronomia das constelações humanas. São Paulo. Editora FFLCH USP.

Semana 13. Cultura vs. identidade.

O desenvolvimento do estudo da identidade na antropologia e o debate com a teoria clássica.

ARRUTI, José Maurício. 2014. "Etnicidade". In: Dicionário Crítico das ciências sociais dos países de fala oficial portuguesa / Org.: Lívio Sansone e Claudio Furtado. Salvador: EdUFBA /

ABA (p. 199-214). [on-line]

EIDHEIM, H. When Ethnic Identity is a social stigma. In: BARTH, F. (Org.) **Ethnic groups and boundaries. The social organization of culture difference**. Boston: Little Brown and company, 1969.

Semana 14. Cultura e ontologia.

Raízes clássicas das teorias atuais.

BAPTISTA DA SILVA, S. 2011. COSMOLOGIAS E ONTOLOGIAS AMERÍNDIAS NO SUL DO BRASIL: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O PAPEL DOS CIENTISTAS SOCIAIS FACE AO ESTADO. Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 5, n. 1, p. 182-192, jan./jun. 2011.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 2011. Claude Lévi-Strauss, fondatore del post-strutturalismo. Em Bolletim, P. e Attias, R. Padova. Univercità di Padova.

Semana 15. Individuo e sociedade.

A influência da teoria clássica em outras ciências sociais e nos movimentos sociais.

FONSECA, C. (2004). Antropólogos para que? O campo da atuação profissional na virada do milênio. pp. 69-93. In: O campo da antropologia no Brasil. Lins Ribeiro, Gustavo; Trajano Filho Wilson. 272, p. 85-86011-81-9. Brasília. ABA.

PARSONS, T. (1973). Caps. 5 e 6. Em O sistema das sociedades modernas. São Pualo. Pioneira.

Semana 16.

Síntese e avaliação.